


DO CÉO AO INFERNO

 Não sei se é temeridade expôr á luz certas agonias que nascêrão occultas, vivêrão desconhecidas, morrerão ignoradas e sem olhos compassivos a banha-las em seu pranto. Taes contos são, porém, ás vezes, cauterio das chagas do coração, e mais vale patentear os espinhos da flor que deixar a mão rasgar-se nelles. Nunca d'estas narrações vem mal sazonado fructo : semeia-se agora um corpo material, corruptivel, pesado, tenebroso; nascerá um corpo espiritual, impassivel, ligeiro e resplandecente. Felicidade que não seja por nós bastantemente entendida nunca poderá ser bastantemente amada. O mesmó se dá com a desventura, que, não sendo visivel e clara, não ha evita-la nem teme-la.

Entremos na singela historia.

Conheci Carlota quando tinha doze annos de idade : elegante menina, muito meiga e muito docil.

Os seus quinze annos forão o mais floreo abril que meus olhos hão jámais visto. Juventude assim risonha, festiva, edenica, não era da terra, senão dos céos. Ainda me parece impossivel que o estado de tão serena felicidade se turbasse, que tão formosa e descuidada innocencia viesse a fenecer de todo ! Alma fadada para o empyreo, a quem a graça de Deos sorria, e parecia chamar para encher lá ruinas dos anjos rebeldes, cahio, a sumir-se, nos abysmos da desgraça!

Um dia Carlota afigurou-se-me distrahida, inquieta. Lancei isso á conta d'alguma nuvemzinha menos alva que passasse no ceruleo firmamento d'aquella existencia. Enganava-me. Carlota amava desde muito um gentil rapaz, com quem, nos passeios, travára conhecimento accidental. Jorge não tinha mais que tal ou qual belleza : a alma era como a da maior parte, senão a de todos esses homens que por ahí se gastão em mil aventuras faceis e jubilos peccaminosos.

Astucia, sim, tinha elle, e muita. Nunca descarregára o golpe, que o não houvesse longamente meditado. O resultado era, a cada vibração, fazer uma victima.

Não posso aqui dizer as artes que o maldito empregou, os ardis de que se valeo para cortar á pobre menina o caminho da luz. O que eu sei, é que ella succumbio. Pedíra a misera, talvez chorára muito antes que o inimigo podesse vangloriar-se de si e da sua fortuna. D'esse innocente pranto fazia porém o astuto arma para attrahir e dominar o coração da mesquinha. Era uma luta impossivel!

— Porque te conjuraste assim em minha perdição, Jorge? lhe dizia ella entre lagrimas.

— Oh! Carlota, se isto é perdição... perder-me-hei contigo... perder-nos-hemos ambos!

E a esperança da quéda mais o sustentava na luta. A troco de alcançar a realisação do seu malefico e brutal desejo, mil vezes se suicidaria... O' turvos transportes!... Se o espaço que ha do empyreo ao inferno estivera abastecido d'espadas e lanças, pelas pontas de todas se fôra o louco atravessando para poder chegar á victima e arrebatá-la! Não era tudo : havia outros, e varios e extensos delirios, em que reservia aquella alma, exagitada com a ancia do maldito gozo. Se houvesse nelle um reflexo de amor, uma centelha só que sobredourasse todo aquelle desvario, que céu de venturas não seria o mundo para Carlota e Jorge! Mas não : nada absolutamente de amor... nada... nada!...

E Carlota, como a gotta de matutino orvalho, que retreme sobre a folha lisa da planta fragil, e rola, e cahe, e desaparece se os zephyros a agitação, vacilla... estremece... baqueia!

Quando tentou erguer-se, tinha as azas de anjo manchadas do pó da terra. Era mulher então, e de mulher... mãe.

Já por esse tempo Jorge a desamparára. Carlota achou no amor materno a resignação e a coragem para não morrer á ideia do abandono. Consagrou-se inteira ao pobresinho, que era toda a sua esperança e conforto. O calix d'amarguras ainda, porém, se não exauríra, e as fezes mal lh'as provára até

ali Carlota. Uma desgraça quasi sempre fecunda nova desgraça : é como a flor que encerra em si mesma o germen d'outra flor.

Outras e mais cruciantes dôres aguardavão a miserrima creatura. Que de mysterios, de profundezas, de espectaculos assombrosos não vão por essas vidas fadadas ao infortunio, miserias que só se manifestão quando o véo é de alto abaixo rasgado por mão possante e ousada!

O filho de Carlota, o innocentinho que poderia salvar a despenhada menina dos seus remorsos e de si mesma, após tres mezes de um vegetar doloroso, voou ao céo, talvez para não ver as lagrimas da desditosa mãe. Iria supplicar ao Senhor que, após tantas sombras e escuridades, projectasse um raio de luz naquella alma de continuo alanceada?... Iria... Mas Deos não ouviu o anjinho, ou o premio que lhe reservára precisava, para conquista-lo, mais lagrimas da infeliz.

Lagrimas!... Pobre Carlota! seccára-se-lhe a fonte d'onde as vertia!... A martyr nem o consolo do pranto já tinha!... Desde o fatal momento em que subíra á mansão eterna o filho de suas entranhas e do seu erro, os fios que ligavão pelo arrependimento ainda aquella vida ao céo subito se partirão, como em derradeira vibração as cordas retesadas de melancolico alaúde.

Bem diversa é a vida da creatura desde que a terra lhe esconde o corpo de um ente adorado : imagem que não tem sempre ao lado, mas que s'entremostra a cada instante, lhe gela o prazer, e mata o sorriso que desponta. Para que instantanea resurja, basta uma palavra outr'ora familiar, um som, uma voz, ou nota de canção longinqua trazida pela briza ; basta o aspecto, o aroma de uma flor, um nada, para reaparecer o triste pensamento, e confranger o coração com a dôr do adeos — da separação eterna.

Desde esse dia tem já baixado ao tumulto parte de nós mesmos. Quando o corpo arremette á vertigem do gozo, buscando entorpecer, no esquecimento, a imaginação, a alma retrahe-se e vôa ao cemiterio.

Carlota sepultára com o filho tudo quanto amára ou podéra amar : saudades e alegrias... Vivia ella ainda?... Não!... Ficára-lhe o cadaver frio, inerte, impassivel, que ella arremessou ao vortice medonho de infrene devassidão.

O descambar d'aquella estrella foi rapido, terrivel! Rolou de degradação em degradação até ao mais fundo do abysmo.

Lá veio a morte do corpo, mas afflictiva, mas hedionda, como um estorvo ao caminho do céo!

Foi uma luta a braço partido... Perdoai á martyr, Senhor Deos!

Jorge vive ainda, como antes, vida d'algoz. Folga e ri, sem o remorder da

consciencia. Goza do sol, das estrellas, da terra, das flores, das brizas, do canto das aves, de tudo quanto engrinalda o mundo.

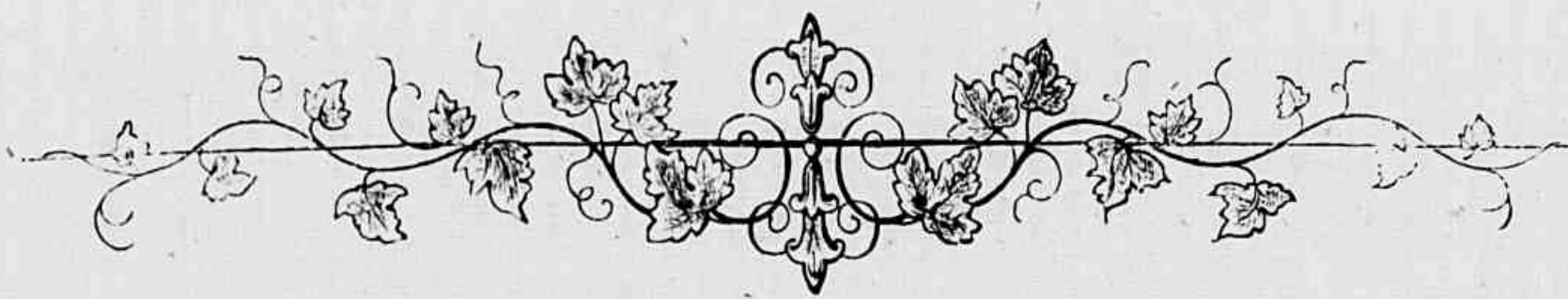
Quem, pois, se não admira de considerar a suprema bondade do Omnipotente, que retém na mão o raio, fulminador do malvado?

De Carlota poucos se lembrão ainda... As florinhas que brotão sobre os tumulos nascem menos depressa que o gelido esquecimento no coração dos vivos!

LUIZ DE MALAFAIA.

Rio, 12 de julho de 1865.





A VILLA QUEIMADA

I

O ENCONTRO.



inda no principio d'este seculo os esforços da industria e do trabalho humano não haviam descortinado a maior parte das florestas interiores, em cujas planícies e montanhas se desdobrão agora nucleos de muitas povoações, e se levantão construcções de numerosas propriedades ruraes, que encontra de espaço a espaço o viajor que transita pelo centro da provincia de S. Paulo, sobretudo na parte que confina com os municipios do Rio de Janeiro.

Nesse tempo, portanto, a natureza primitiva apresentava esse aspecto imponente e magestoso das solidões não devassadas, e os reconditos mysteriosos das florestas só erão conhecidos das aves selvagens, dos animaes ferozes, dos incolos barbaros, e de alguns atrevidos aventureiros que tinham audacia bastante para affrontar estes perigos, correndo á descoberta das riquezas verdadeiras ou imaginarias que guardavão zelosas as paragens sombrias dos sertões incultos.

A maior parte dos caminhos então praticaveis erão picadas irregulares, de que ainda existem muitissimas, traçadas ao acaso pelos derrubadores, que, sem outros instrumentos mais que um machado e uma faca, abatião os tron-

cos colossaes de arvores annosas, rasgavão as paredes espessas da folhagem entrelaçada dos arbustos, lançavão alguns páos amarrados com embiras, servindo de ponte na passagem dos corregos, e abrião pela encosta dos morros pedregosos ou das rochas graniticas traços mais ou menos circumvariados, que depois se constituirão em troncos de numerosas ramificações, como os fugitivos affluentes que nascem da linha principal do rio, e se vão perder em tenues e enredados ramusculos na superficie dilatada do solo.

Tudo respirava braveza, porém força e energia no meio d'estas invias regiões! No centro das dobras recatadas da tunica severa da virgem americana, dormião ainda os germens de uma civilisação nova. A America ostentava-se em toda a opulencia de seu luxuriante esplendor, e parecia esperar anciosa o momento de quebrar o seu silencio e entrar deslumbrante nos festins do mundo civilizado, competindo com suas irmãas, a quem as galas da arte e o brilho da civilisação não podião offuscar a grandeza e a magestade de seus adornos primitivos! As raças que povoavão o novo continente, sepultadas nas trevas da ignorancia e do barbarismo, erão impotentes para fecundar o seio ardente d'esta natureza, aquecida pela sol dos tropicos, e sonhando amores reclinada nas noites calmosas de um verão eterno á beira de seus lagos gigantescos, ou nas praias infinitas dos oceanos desconhecidos.

Os primeiros navegadores que approárão nas costas do novo mundo não podião comprehender ainda todo o alcance do consorcio que acabavão de celebrar os filhos das antigas raças como a noiva desejada de um hemispherio escondido por Deos na outra face do globo; e ella era no em tanto a recompensa reservada ao homem que, de mais audacia e de mais fé no seu seculo, devia ser o marco milliario entre duas civilisações, como Christo fôra o mensageiro da verdade eterna que illuminou os povos submèrgidos nos cultos semi-barbaros do paganismo.

Os companheiros, pois, de Christovão Colombo, o vulto mais proeminente da sociedade moderna, que a historia da humanidade tem de collocar acima d'esses ferozes destruidores de seus semelhantes a quem o ruído mentiroso da gloria sagrou heroes e semi-deoses, não se compenetrarão geralmente da magnitude do thesouro que lhe fôra confiado, e, em vez de fazer convergir os esforços de sua intelligencia e de seu trabalho para a prosperidade de sua nova conquista, explorarão as suas riquezas mais com a sofreguidão cubiçosa de bandos desenfreados que com o interesse e a dedicação de homens predestinados para renovarem a face de uma região que só lhes pedia civilisação e amor!

No tempo em que principia a nossa narrativa, o solo virgem da America havia sido já muitas vezes theatro de guerras destruidoras, e o sangue das

duas raças tinha estampado em seu dorso essas nodoas indeleveis que hão de assignalar ás gerações do futuro a passagem da raça humana por toda a superficie da terra, onde cada victoria do progresso custou um holocausto fratricida!

As lavras de ouro e os descobertos diamantinos, incitando os Paulistas a abandonarem a sua fertil e heroica provincia, attrahião para os sertões de Minas Geraes grande numero de seus mais turbulentos e ambiciosos companheiros, que de boa mente trocavão o remanso de uma vida moralisada e social pelos riscos e as incertezas d'essas excursões nomadas que lhes era mister commetter para atravessarem tão vastas e incultas porções de territorio, como erão as que os separavão d'aquelle miraculoso Eldorado.

Os habitos de uma existencia aventureira, o pensamento de premeditada aggressão que constantemente os animava, o contacto com os selvagens e os animaes bravios, a quem era força destruir para garantirem-se e manter-se, tudo isto concorria para desenvolver os germens viciosos que o espirito do mal parece comprazer-se em fecundar no fundo do coração humano, quando a religião e o trabalho licito não esterilisão estas fataes tendencias.

Era de certo fazendo reflexões analogas a estas, que, ainda não erão bem sete horas da manhã de um formoso dia do mez de julho, um respeitavel sacerdote, montado em uma possante besta ajaezada ao uso do paiz, e acompanhado de um caipira que lhe servia de guia, caminhava a marcha forçada em direcção ao novo aldeamento de Indios de Queluz, que havia pouco tempo se fundára com seus oitenta indigenas, convertidos ao christianismo e á palavra dos missionarios.

O viandante ecclesiastico era um homem que denotava ter os seus cincoenta e tantos annos de idade, e que, apezar da notavel decadencia de suas forças phisicas, mostrava em suas formas bem proporcionadas uma organização noutra tempo robusta e vigorosa.

A sua physionomia era sympathica e insinuante, se bem que a expressão severa de seu olhar, e os traços que a meditação havia sarjado em sua fronte magestosa e requeimada pelos sóes intertropicaes, lhe dessem um aspecto á primeira vista sombrio e reservado.

Um chapéo preto de largas abas, um grande capote que lhe escondia completamente o corpo e chegava até á anca do animal, acrescentando a isto botas de montar com borlas de tiras de couro lustradas, temos completado a descripção do traço do respeitavel personagem, para quem dir-se-hia que era indifferente o ar frio da manhã, que neste tempo reputão bastante intenso os habitantes da provincia.

O illustre viandante caminhou algumas horas, embrenhando-se umas vezes

dentro das matas espessas, e costeando outras as margens do rio Parahyba, cuja rumorosa corrente é accidentada neste ponto pelas cachoeiras e saltos que lhe entorpecem a marcha, tornando mais pittorescos e animados os paineis que desenha á vista do observador maravilhado.

O venerando ancião não era de certo um homem vulgar, porque só as intelligencias superiores do artista, do poeta e do philosopho, são capazes de contemplar em sublime recolhimento os grandiosos prodigios da criação, e interrogar a natureza, aparentemente silenciosa, com essas phrases mudas do pensamento que se traduzem no lampejo do olhar ou num gesto de assombro.

De vez em quando o religioso camunheiro refreava a besta impaciente por vencer a distancia, e permanecia um momento como extasiado diante dos objectos que o rodeavão; mas lembrando-lhe de certo a necessidade de chegar ao termo de uma jornada imperiosa, afrouxava de novo as redeas ao animal, e seguia em sua marcha regular, porém accelerada.

Serião onze horas do dia. Ao ar frio da manhã succedêra-se o calor vivificante, se bem que um pouco intenso, da luz radiante, e a natureza toda brilhava em plena gala. Era um d'esses dias que trazem á memoria os primeiros da criação, quando ainda a pureza immaculada do céo se retratava na face virginal da terra, que parecia corar de rubor aos raios voluptuosos do sol.

Os dous viajores haviam entrado nas sombrias abobadas de uma floresta, e seguião rapidos por uma picada cujos traços se perdião de vez em quando entre a herva rasteira e as sambambaias ramosas, que crescem por entre as trepadeiras dos matos e aos pés dos troncos das arvores, que vão perder-se em confuso labyrintho nos inquietos desvãos das brenhas impenetraveis.

Parecia este lugar um verdadeiro templo druidico; nem faltava ali uma pedra musgosa que podia servir para ara do sacrificio. O caminho dividia-se neste ponto em trez ou quatro ramificações.

O religioso parou, contemplou por um instante este sitio selvatico e pittoresco, e voltando-se depois para o individuo que o acompanhava, perguntou-lhe :

— Por onde é agora o caminho, mestre Thiago?

— Siga Vossa Reverendissima acompanhando a sua mão direita, que vai esbarrar mesmo na bocca da estrada; pois foi preciso ganhar este desvio por causa dos mangaes que ficão á direita, respondeo o caipira, vangloriado por haver recebido o titulo honorario de mestre, conferido por um homem tão sabio como era o respeitavel ancião.

Antes porém que houvessem começado a pôr em pratica o judicioso conselho de Thiago, ouvio-se um estalar de folhas, e o tropear de alguns animaes

dirigindo-se apressados para aquelle ponto, que fez demorar o sacerdote em sua resolução, e esperar o apparecimento de quem vinha provavelmente sahir-lhes ao encontro naquellas paragens.

No mesmo instante quatro cavalleiros rompêrão de dentro da mata, e estacárão os animaes, dando com os dous viandantes, que os esperavão premeditadamente.

O que vinha na frente dos recém-chegados era um religioso tambem, já de idade, que denotava exercer um encargo elevado, ao ver-se as provas de respeito e deferencia que lhe testemunhavão um joven roceiro que o acompanhava, e dous camaradas que formavão a totalidade da comitiva.

O encontro era de pessoas conhecidas.

Os dous religiosos, apenas se avistárão, dirigirão-se um para o outro com mostras de cordial satisfação, e, depois de haverem trocado os cumprimentos que é de uso, o que sahio ao encontro do seu confrade lhe disse, sorrindo com ar investigador, e mostrando-lhe a scena que os rodeava:

— Que lhe parece esta natureza, reverendo padre mestre? Que bello theatro este, continuou elle, para fazer germinar a doutrina de Deos, e converter ao culto de nossa santa religião as tribus barbaras do gentio, para maior gloria do céo e engrandecimento de nossos reinos!

— É assim, tornou lhe o interrogado; este mundo assombra o espirito e enleva a alma! Que opulenta magestade! Que solidões infinitas, em cujo silencio parece escutar-se o echo da voz do Senhor guiando o povo de Israel para as montanhas perfumadas de Galaad! Esta é de certo a terra da promessa do povo escolhido, que foge ás tribulações do Egypto, e vem levantar o tabernaculo do testemunho sobre as cordilheiras gigantescas da America, ás portas do mar salgadissimo, como diz a Biblia em seus canticos propheticos!

— Tem razão, reverendo padre, esta terra está reservada para ser o palco de grandes acontecimentos, e muito esperão seus filhos da palavra sagrada que a eloquencia inspira á sabedoria de vossa paternidade!

— É demais lisongeiro o cumprimento para um humilde servo, como eu, da religião dos pescadores de Bethlém! Aqui estou, porém, meu irmão; sobra-me a boa disposição de animo, e a resignação para o martyrio, quando se não possa alcançar o triumpho da Igreja senão á custa do sangue derramado pelos seus ministros. Foi com este proposito que deixei as plagas de nossa patria, e vim ser o pastor de um rebanho turbulento nestas inhospitas paragens. Estou firme, e não recuo ante a grandeza do encargo, se bem que reconheça a exiguidade das forças d'aquelle a quem foi commettido.

É tempo de dar a conhecer aos leitores os dous personagens que acabão de figurar neste dialogo.

Aquelle que tratámos ha mais tempo, e havemos seguido em sua marcha contemplativa pela estrada e atalhos do sertão, era Fr. Gaspar de Santo Onofre, varão piedoso, e cujas virtudes e lettras lhe havião grangeado uma reputação incontrovertida entre as ordens religiosas da metropole, e de quem a fama havia de ha muito tempo chegado ao novo mundo, onde fôra ultimamente chamado para o desempenho de uma missão delicada.

Apenas desembarcado no Rio de Janeiro, e depois de uma longa conferencia com as primeiras dignidades do clero, o sacerdote partíra immediatamente para o seu destino, e é esse o motivo por que o encontrámos dirigindo-se em direcção do recente aldeamento de S. João de Queluz.

O outro ecclesiastico, que lhe sahíra ao encontro, era o vigario da aldeia dos referidos Indios, Francisco das Chagas Lima, nomeado pelo bispo d'esta diocese D. Mathcus de Abreo Pereira, com ampla faculdade, segundo reza uma memoria d'esse tempo, para poder dispensar nos impedimentos do matrimonio aos neophytos. O governador da capitania de S. Paulo, que nesta epocha exercia tão importante cargo, o general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça, segundo reza o citado documento, providenciou o venerando parochos dos ornamentos necessarios para o santo sacrificio da missa, e lhe fez arbitrar na real junta 150,000 de congrua annualmente, além dos guisamentos.

Eis quem erão os dous religiosos que acabamos de ver encontrarem-se em um recanto da floresta, não por mera casualidade, como se poderia crer á primeira vista, mas por deferencia e respeito que o vigario dos Indios quizera testemunhar ao recém-chegado, vindo acompanha-lo nas ultimas leguas de sua jornada.

O padre Francisco das Chagas fôra previamente avisado da vinda de Fr. Gaspar, e por isso não devemos estranhar que fizessem tão rapido conhecimento, quando ambos tinhão já recebido a somma de mutuas informações que lhes era de sobra para se guiarem.

O moço que acompanhava o padre Chagas era um parente de Januario Nunes da Silva, director dos Indios aldeados, a quem mais adiante veremos figurar nesta historia, contentando-nos em acrescentar que a physionomia sympathica do joven cavalleiro não deixou de produzir agradavel impressão no animo perscrutador de Fr. Gaspar.

Os camaradas do vigario do aldeamento trazião quanto era preciso para a frugal refeição dos viandantes, prevendo que a falta de commodidades do caminho que havia ainda a vencer poria em sérios embaraços os caminheiros, pouco acostumados a transitar pelos desvios inhospitos do interior.

Assentárão porém, visto a proximidade em que se achavão do lugar do afa-

mado salto do rio Parahyba, que melhor seria seguirem ainda em sua marcha, e repousarem ali com mais descanso, em quanto os pescadores, que lhes não negarião um asylo em suas choupanas, os proverião sem duvida do delicioso pescado do rio.

Pozerão-se pois a caminho. O sol estava abrasador. Depois das manhãs frigidias e nevoentas de cima da serra, os dias costumão ordinariamente ser calmosos, e sem o bafejo da mais leve viração.

A certa distancia do salto, o ar tornou-se mais aprazivel, e o estrondo das aguas despenhando-se na cachoeira annunciou á comitiva que proxima se achava do sitio do descanso.

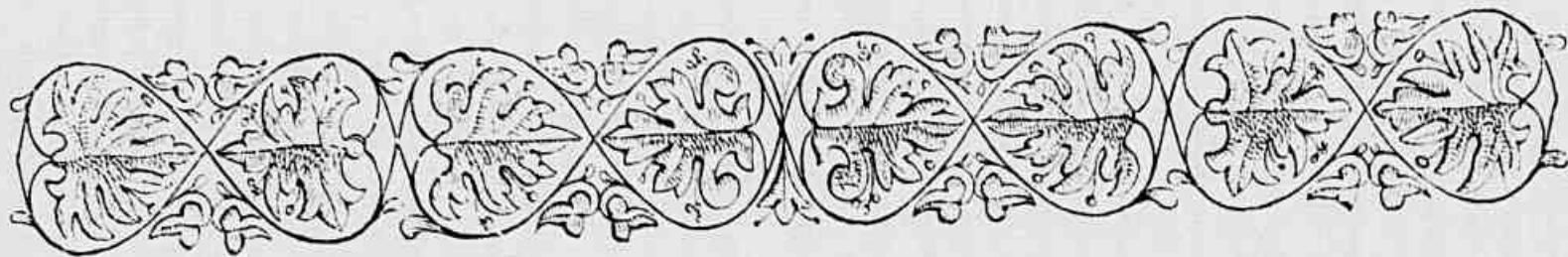
Os animaes, quando caminhão sós, afrouxão com facilidade; mas juntos, animão-se reciprocamente; e os cavalleiros vencêrão o espaço que os separava do salto com rapidez notavel.

A's duas horas da tarde pouco mais ou menos, os dous religiosos e seus companheiros apeavão-se na margem do rio, á porta de uma das choupanas, que indicava ter maior capacidade para os receber.

DR. NEGRO.

- *Continuar-se-ha.* -





BIBLIOGRAPHIA

FACTOS DO ESPIRITO HUMANO

PHILOSOPHIA ¹

Pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES.



O illustre autor dos *Factos do Espirito humano*, o Sr. Dr. J. G. de Magalhães, aproveita actualmente algumas horas que lhe sobejão de suas occupaões politicas em uma profunda analyse das faculdades humanas debaixo do ponto de vista psychologico e physiologico, cujo estudo encerra um exame do systema phrenologico. Favorecidos com um capitulo d'esse importante trabalho, aqui o transcrevemos, bem persuadidos que nenhum dos nossos leitores deixará de aprecia-lo devidamente, tanto pelas ideias como pela belleza do estylo.

ARGUMENTO

Consideraões sobre o suicidio e o homicidio. — Instincto carniceiro. — Grandes matadores. — Se o instincto carniceiro depende de um orgão especial do cerebro, como pretendem os phrenologistas. — Refutaão. — Exemplos dos herbivoros. — Do que depende o instincto carniceiro : provas. — Influencia do olfacto nos animaes e nos homens. — Causas affectivas e sociaes que tornão o homem assassino. — Falsas consequencias da phrenologia a respeito da guerra e da destruião da especie humana.

É sem duvida mui digno das meditaões dos philosophos o spectaculo horrivel e lastimoso de tantas atrocidades que ensanguentão a historia do ge-

¹ 1 vol in-4º. Na livraria de B. L. Garnier, 69, rua do Ouvidor.

nero humano, e de que nenhuma classe, nenhuma posição, nenhum sexo se mostra exempto. Util é saber se esses horrores, se essa sêde de sangue provêm da natureza mesma do homem, se de alguma aberração monstruosa de seus instinctos, ou de circumstancias externas e da ordem social iniqua que o modificação e o assanhão.

Com tantos cuidados, affectos e sensações que empregou a Providencia para que o homem se conservasse e defendesse a sua vida; com todas essas sublimes faculdades e nobres inclinações que nos tornão cara a existencia, e ao mundo nos prendem com laços de amor; com tudo isso, maldiz o homem pela menor cousa esta existencia, arma-se de um punhal contra si mesmo, e todos os incentivos da vida são outros tantos motivos para dar-se a morte! Miserrima natureza humana!

Mata-se um severo Catão como qualquer lassivo Sardanapalo! Mata-se uma virtuosa Lucrecia como qualquer abandonada Dido de comedia! Coroados senhores de milhões de vassallos envenenão-se como qualquer dos seus mais vis escravos! Cardumes de homens nesse supersticioso Oriente lanção-se ante o carro triumphal de Bavani, fabuloso nume, para serem esmagados pelas suas rodas! Não ha paiz, não ha dia em que homens e mulheres, pais e esposos, grandes e pequenos, se não matem com um punhal, com uma pistola, com uma chave, com uma corda ao pescoço, com um veneno, com a fumaça, ou lançando-se aos rios e aos mares! Não faltão meios de matar-se, e tudo serve ao desesperado.

Com tanto desprezo á propria vida, com tanto furor de destruir-se, que muito é que tentem os homens contra os dias dos seus semelhantes! Assim, tudo é pretexto para matar. Não ha amor ardente, não ha odio, não ha inveja, não ha ambição, não ha fanatismo religioso, não ha loucura que não converta o homem em assassino. A historia do genero humano está toda escripta com sangue; os fastos das nações são annaes de guerras e discordias; seus heroes, os grandes sacrificadores de victimas humanas!

Quando Deos mesmo se humanisa para aplacar tanta sêde de sangue, segundo a nossa crença religiosa; quando vem morrer por amor dos homens; quando lhes diz que não aprazem ao céu victimas sangrentas, que se amem, e se conciliem primeiro com seus irmãos antes que lhe tragão offerendas ao templo; quando nos deixa por unica lei *amor e caridade* com o proximo; os ministros d'essa religião de caridade, com o nome de Deos nos labios, se convertem em sacerdotes de Saturno, de Moloch e de Tentales, e furibundos condemnão á tortura e á morte milhares de innocentes creaturas, e se regozijão ouvindo nas praças publicas os gemidos das suas victimas no meio das labaredas que lhes calcinão as carnes e os ossos! E poderosos reis, como Phi-

lippe II, com olhos de hyena vêm e applaudem essas horrendas hecatombes de seus proprios subditos, e os templos se transformão em tribunaes de sangue, em açougues e matadouros de creaturas humanas! A' vista d'isso, que feroz Ecelino, que algoz, que sicario não merecerá desculpa? Não, não, a nenhum desculpo. Reconheçamos o crime, reprovemos com execração o assassino, e procuremos as causas que eneruecem o homem.

D'onde vem essa disposição a matar?

Vem da violencia das paixões egoisticas, dirão todos os moralistas.

Segundo o systema phrenologico, essa disposição é um instincto fundamental e necessario, proveniente de um orgão cerebral collocado logo acima do meato auditivo, mui proeminente em todos os animaes carnivoros, e muito mais nos tigres, nos gatos e nos cães caçadores, que matão sem fome, e nos assassinos da especie humana, que se assignalão pela sêde de sangue. Diz Gall que esse mesmo orgão, diversamente modificado, assigna a cada especie animal o seu determinado alimento de peixe, frutas ou hervas¹; que sendo o homem omnivoro, e por conseguinte o mais carnivoro de todos os animaes, pois que é levado a matar a todos e de todos alimentar-se, necessariamente lhe havia de dar a natureza esse orgão; que o extraordinario desenvolvimento d'essa sanguisedenta parte do cerebro faz que muitos animaes matem pelo prazer de matar, e sejam muitos homens impellidos a dar a morte aos seus semelhantes só para satisfazer o seu furor sanguinario.

Em prova de que este instincto é primitivo e dependente d'esse orgão, cita Gall uma multidão de factos horrorosos de formidaveis assassinos, parricidas e infanticidas, e incendiarios, cujos craneos observou, e todos apresentando a seus olhos essas cruentas protuberancias, que não veria se não estivesse tão prevenido.

Affirma que esse orgão mortifero é mui saliente e notavel nos bustos e retratos d'esses grandes malvados de que falla a historia: como o feliz Sylla, que se lavou no sangue dos seus concidadãos, mandou degollar num circo sete mil prisioneiros e matar cinco mil cidadãos romanos; o furioso Caligula, incestuoso e ladrão, que deo o titulo de consul ao seu cavallo, quiz ser como Deos adorado, e desejava que o povo romano só tivesse uma cabeça para de um golpe corta-la; Nero, tão cruel como dissoluto, assassino de sua mãe, de seu irmão, de suas mulheres, de seus amigos e sequazes, e que, para faltar seus olhos avidos de horrores, lançou fogo a Roma, e fez depois atroz matança nos christãos, por elle accusados de incendiarios; Septimo Severo, e seu furibundo filho Caracalla, que começou por apressar a morte do sanguinario

¹ *Fonctions du cerveau*, t. IV, p. 84.

pai, apunhalou seu irmão Geta nos braços de sua mãe, e, depois de muitas mortes, mandou envenenar seu favorito Festo, para ter o prazer de chorar por elle, á imitação de Alexandre Magno, que tanto chorou a morte do seu valido Hephestion, que mandou crucificar o pobre medico que o tratára; o perfido Luiz XI, que tinha por ministro o seu barbeiro Olivier le Dain, assistia com prazer ás execuções que decretava, mandou collocar debaixo do patibulo os filhos do infeliz conde d'Armagnac para que o sangue do pai lhes cahisse sobre a cabeça, e assim ensanguentados forão encerrados em uma estreita prisão, e que deixou por monumentos á França carceres, masmorras, gaiolas, correntes e forcas; Philippe II, esse Tiberio da Hespanha, e sua celebre esposa Maria Tudor, que cobrio a Inglaterra de cadafalsos e fogueiras, e que sem duvida herdou o carniceiro orgão de seu pai Henrique VIII, o marido de sete mulheres, que na sua mania theologica mandava matar indifferentemente catholicos e lutheranos, e enriqueceo-se espoliando as igrejas e mosteiros; em fim a dissimulada Catharina de Medicis, principal instigadora da grande carnificina de 24 de agosto de 1572, conhecida na historia de França com o nome de *Saint-Barthélemy*; e nos bustos e retratos de outros monstros execrandos, a cujo mando esteve em diversos tempos sujeita a misera especie humana, victima de uma pollegada de alguns cerebros mal organisados.

Mas todos esses factos, e um milhão de outros iguaes que poderíamos citar, não provão a existencia de um orgão especial carniceiro, como todos os delirios dos homens não provão que haja um orgão especial para a loucura.

A anatomia comparada invocada por Gall não presta apoio á sua opinião quanto ao maior desenvolvimento do cerebro dos carnivoros na região indicada. As observações de Lafarge, Lelut e Leuret, que se derão a estudos especiaes da confrontação de diversas especies animaes para verificar esse ponto da doutrina phrenologica, não confirmão a supposta maior largura do diametro transversal do cerebro dos carnivoros em relação ao dos herbivoros. Se a maior extensão d'esse diametro comparativamente no antero-posterior indicasse o instincto carniceiro, deveríamos considerar o elephante e o porco-espinho como muito mais ferozes e sanguinarios que o leão, o cão, o javali e a raposa, o que se não conforma com o que sabemos¹.

Assim caducão os argumentos de Gall tirados indevidamente da anatomia comparada.

O fim natural d'esse instincto, diz o fundador da cranioscopia, é fazer que o homem e os animaes procurem o seu alimento proprio, e matem para co-

¹ Leuret, *Anatomie comparée du système nerveux*. Paris, 1859.

mer. Seu grande desenvolvimento e energia faz que excedão a sua determinação natural, e matem pelo simples prazer de matar.

Mas dizer que um louco mata a mãe, a mulher, os filhos e a si mesmo, porque tem mui desenvolvido um órgão que no seu estado natural só o levaria a procurar o seu alimento proprio, é dizer que o homem pôde assassinar e suicidar-se por todo e qualquer motivo exagerado que o obrigava a cuidar da sua exist'encia, destruindo o que o incommoda; e nesse caso não precisa de um órgão especial carniceiro. Por outro lado, sem esse instinto matão os animaes herbivoros em propria defesa; e nesse caso, ou elles tambem tem esse órgão para matar quando lhes convem, ou d'elle não precisão os carnivoros para o seu pasto sangrento; ou todos tem esse órgão, independentemente do instinto da alimentação, só para que todos matem por todo e qualquer motivo; e nesse caso, sendo os motivos ou impulsos provenientes de diversos órgãos e causas, e tendo todos os animaes meios para executa-los, inutil lhes é esse órgão, pois que não é elle quem dá o impulso nem quem o executa. Estas conclusões são tão rigorosas que qualquer d'ellas exclue a contraria, e a conclusão final é que tal órgão não é necessario, não existe.

Accresce que nenhum animal se suicida por ciume, desgostos ou desesperação; só o homem. E os que se armão contra a propria existencia não são os mais sanguinarios, antes ás vezes os mais inoffensivos.

Como appetecer e comer são funcções animaes, e não faculdades intellectuaes e moraes, pouco importará á psychologia o saber se o que impelle o animal a procurar o seu alimento é a fome ou um órgão especial do cerebro; mas como da imaginaria existencia d'esse órgão se tirão consequencias contrarias á moral e á verdade, convem, tanto ao philosopho como ao physiologista, indagar se com effeito é necessario e existe tal órgão, e que influencia pôde elle exercer no character moral do homem.

Quaes são os argumentos que autorisão os phrenologistas a suppôrem que existe um órgão para o instinto especial da alimentação, carniceiro em uns, herbivoro, frugivoro ou omnivoro em outros? Ei-los.

Alguns animaes matão sem fome, e fazem grande carnificina que abandonão. Logo não é só a fome que os obriga a matar. — Concedo.

Os animaes carniceiros, como o ligre, no meio de um prado coberto de verdura, morrem esfaimados e não pastão. Algum instinto lhes diz que a verdura não é seu alimento. — Concedo.

Logo esse instinto interior e innato provêm de um órgão do cerebro. — A conclusão é falsa.

Neste raciocinio, a que se reduz todos os argumentos e exemplos em prova da existencia d'esse órgão, calão se tres factos importantes, tres sensações

distinctas, além da fome, que determinão a escolha do alimento : o olfacto, o paladar e a vista, que dispensão esse órgão.

A verdura não excita a vista, o olfacto e o paladar nos carnicheiros, e por isso a não comem.

Dê-se a uma criança o simulacro mesmo de um fructo perfumado de que ella mais goste, a criança, illudida pela vista e o olfacto, o leva á bocca e o trinca; mas se sente que o fructo é de terra e desagradavel ao gosto, rapidamente o repelle. Aqui o instincto é simplesmente o paladar que a guia, a despeito da vista, do olfacto e da fome. Se pois basta só o gosto para rejeitar uma substancia abonada pela vista e o olfacto, como será aceita a que fôr repellida por todos esses sentidos?

Algumas pessoas, principalmente mulheres em certas circumstancias, por modificações morbidas dos seus órgãos que alterão o palato, appetecem acidos, amargos, substancias excessivamente salgadas, e mesmo terra e cousas repulsivas. Em taes casos excita-se o olfacto na presença d'essas substancias; o paladar e o estomago com prazer as aceitão; a fome, que falta para melhores alimentos, só se repara com o que assim satisfaz essa especialidade do appetite e do gosto; e nenhum instincto lhes diz que taes cousas não são o seu alimento proprio.

Dê-se-nos uma iguaria qualquer, com tal cheiro, tal gosto, tal aspecto, que inteiramente nos repugnão, e não ha fome que a traga nem garganta que a engula. A fome só determina a necessidade de alimentação. O cheiro e o paladar especificão a natureza e qualidade do alimento, e pelos olhos vê-se e reconhece-se o que se appetite; e se para come-lo é necessario agarrar, morder, e por conseguinte matar, isso fará o carnivoro, como o herbivoro morde, mastiga e mata qualquer planta que devora.

Assim, a verdura do campo não estimulando a vista, o olfacto e o paladar do tigre, morre elle de fome, como esfaimado morre Ugolino no carcere sem devorar os muros da prisão; mas se esses muros lhe excitassem o olfacto e o gosto, e em sua bocca lhe desse algum succo agradavel, elle os roeria, como pelo cheiro e o gosto rõe o cão um osso que aos dentes lhe resiste.

Por conseguinte, o chamado instincto da alimentação propria consiste exclusivamente em tres sensações especiaes : a fome, o paladar e olfacto, ao que se ajunta a vista como guia accessorio; e o matar para comer não é um instincto especial e fundamental, mas simplesmente a consequencia do agarrar, morder e mastigar; e isso tanto fazem os herbivoros como os carnivoros. Quando a natureza dá sensações especiaes tão energicas pelas quaes se guião os animaes, é verdadeiramente um luxo de invenção phrenologica esquece-las para admittir um órgão invisivel e ocioso.

Mas, diz-se, os carnívoros matão ás vezes sem fome, e quem a isso os impelle senão um instinto particular independente da fome? E d'onde lhes vem esse instinto senão de algum órgão do cerebro?

A resposta quasi está dada, e tão obvia que admira não a vissem os phrenologistas.

Não é a fome quem especifica a natureza e qualidade do alimento; por conseguinte não é ella só quem determina o apresar e morder, de que resulta o matar. É o olfacto e o paladar.

Quando algum bello fructo ou delicado manjar pelo seu estimulante perfume nos excita o olfacto, augmenta-se a secreção da saliva pela acção sympathica dos nervos correlativos, vem-nos agua á bocca, como vulgarmente se diz, e manifesta-se o appetite de prova-lo; mas se estamos já repletos, não o comemos, ou só o provamos. Do mesmo modo, alguns carnívoros mais vorazes, vendo a sua presa, excitados pelo cheiro, podem afferra-la e trinca-la para olfejar e provar o sangue, e não come-la por falta de fome. Que o cheiro do sangue lhes apraz e os enfurece, é factó tão sabido que não necessita de exemplos para prova-lo. Os herbívoros tambem, sem fome e ao pasto, lambem e provão as hervas perfumadas que lhes excitão o olfacto, e só por esse sentido rejeitão alguns ruminantes o alimento proprio, quando empregnado de algum cheiro estranho.

Além d'esse prazer do olfacto, e por esse mesmo estimulo que enfurece alguns carnívoros, sentem elles a necessidade de movimento e de darem exercicio ás suas forças, como Carlos IX de França, que, sem outra necessidade além do exercicio, passava doze e quatorze horas a cavallo, em caçadas violentas de tres dias consecutivos, até que se fez ferreiro para satisfazer esse prurito dos seus músculos, malhando desesperadamente o ferro, com o que abreviou a sua atormentada existencia.

Accresce ainda um factó importante: é que nos animaes, entregues ás leis da natureza, as sensações do olfacto e do paladar são as mais fortes, as mais permanentes, as mais agradaveis e as mais imperiosas que elles experimentão. A vista e ouvido, sentidos mais intellectuaes, nenhum prazer e occupação lhes podem dar, e só lhes servem para avisa-los da presença ou do som de alguma cousa que devem procurar ou evitar. Elles vivem quasi exclusivamente para o ventre, guiados por aquellas sensações, como os gastronomos, que só cuidão de satisfazer o paladar e olfacto, que os inclinão á arte culinaria e á caça.

O olfacto de alguns animaes carnívoros é tão subtil, tão impressionavel, tão irritavel mesmo, que o cão que pela primeira vez viaja no alto mar, como tive occasião de observar, fareja de mui longe a terra desconhecida; sahe da sua taciturnidade, inquieta-se, enfurece-se, avança para esse lado, e granhe

aspirando o ar com força, enquanto o gageiro no alto do mastro, com o oculo apontado, nem sequer no horizonte a lobriga. Pelo rastilho do cheiro segue elle a caça ou o senhor perdido. Os corvos fariscão a leguas distantes as exhalções do cadaver que os attrahem.

Os javalis sentem de mui longe o cheiro dos caçadores, que, para evitar esse inconveniente, se collocão a sotavento, a fim de que o ar lhes não leve annuncio de sua presença; e muitos animaes se lanção a suas victimas, e as estrangulão sem fome, para satisfazer o avido olfacto que os enfurece, e darem exercicio aos seus musculos, como se banhão ou se roção a um tronco quando o calor ou algum prurito a isso os incitão.

Buffon, sempre profundo nas suas observações, perfeitamente reconheceo a excitabilidade do olfacto dos animaes, dizendo que « é o sentido pelo qual mais depressa, mais vezes, e com mais segurança, é o animal avisado; pelo qual obra e se determina; pelo qual reconhece o que é conveniente ou contrario á sua natureza; pelo qual em fim percebe, sente e escolhe o que póde satisfazer o seu appetite. »

Os anatomistas sabem que nos animaes ruminantes, nos carnivoros, e principalmente no cão, as fossas nasaes, os seios frontaes, todo o orgão da olfação, e a membrana nervosa que o forra, são muito mais desenvolvidos e extensos que no homem, e por isso nos superão quanto a esse sentido, o que não devemos invejar-lhes.

Assim pois, o imaginario instincto carniceiro não depende de um orgão especial do cerebro, mas de uma sensação, a mais activa e affectiva que experimentão os animaes, além do paladar, e de todas as mais circumstancias organicas que os constituem carnivoros, e que, reunidas todas, os tornão mais ou menos ferozes e sanguinarios. Gall nada mais fez do que espoliar um sentido conhecido dos seus attributos incontestaveis, para dotar um orgão de sua invenção, que não existe no homem, como não existe nos animaes.

Então os homens? será tambem o olfacto que os determina a matar os seus semelhantes?

O que os animaes fazem impellidos cegamente por uma sensação energica, podem os homens fazer pela vontade, arrastada por paixões diversas; e essas paixões tem ás vezes estimulos puramente sensuaes. Na especie humana, e principalmente no estado social em que vivemos, o olfacto e o paladar passão horas ociosos e pouco se excitão. Mil cuidados e pensamentos attrahem o seu espirito; mil empregos e trabalhos occupão seus olhos, seus ouvidos, seu olfacto e seus braços. Não vive o homem a caçar e a pastar como os brutos, nem acha feito o seu alimento : necessita prepara-lo, ou esperar que outros o preparem. Distribue o seu tempo, marca a hora da refeição, e muitas vezes

aplaca a fome sem o menor prazer do paladar e do olfacto, que se resentem d'essa falta; e esses dous sentidos, pouco exercitados, parece que nada influem nos nossos costumes. Entretanto, apesar de secundarios no homem, quantas inclinações, quantos gostos, quantos vicios, quantas paixões não provocão esses dous sentidos!

A muitos apraz por tal modo o cheiro da verdura ou das flores, que só por isso preferem a vida do campo á da cidade. E porque se aprecia a triste violeta, senão pelo cheiro? Porque disputa o homem as negras tubaras aos porcos, que as descobrem debaixo da terra por esse subtil faro que elle não possue? D'onde vem senão d'esses dous sentidos o gosto de fumar, de tomar e mastigar tabaco? D'onde vem senão d'elles o vicio da glotonaria, da embriaguez, do opio, e por conseguinte todas as suas terriveis consequencias? Que muito que alguém se faça carniceiro, segundo o exemplo citado por Gall, só para gozar continuamente do cheiro do sangue?

Note-se que as sensações despertão desejos que exigem ser satisfeitos, e que sua acção não pára no órgão em que ellas se manifestão, mas sympathicamente se estende a todos os órgãos e altera muitas funcções. Um simples cheiro póde matar, ou revocar a vida que foge; um simples cheiro faz abortar. Um cheiro determina contracções do estomago; essas contracções provocão a secreção da bilis que ao estomago afflue, e ainda mais o irrita; essa irritação se propaga a todas as entranhas, modifica todas as funcções animaes; e se nesse estado enfurecido o homem commette um crime, perde o seu character normal, e passa a ser uma especie de fera dominada por sensações extravagantes, parecerá absurdo que se diga que toda essa desnaturalidade fosse causada por um cheiro! Ficão e vêm-se as desordens, que por sua vez produzem outros muitos effeitos, e a causa, como a da peste, escapa ás vezes á observação, nem sequer se suspeita. Assim, quem por uma paixão occulta se enfurece, ou se aliena, póde praticar actos que já nenhuma relação tenham com a causa primeira d'essas desordens.

Não póde haver no homem um instincto especial que o leve a matar, pela simples razão que o motivo que o impelle a esse acto é sempre alguma paixão egoistica, e não um cego impulso de destruição. Nem podemos admittir esse impulso instinctivo em serviço das paixões, porque cada paixão é por si mesma um impulso de acção que arrasta a vontade, e tem a seu serviço a força motriz corporea, e tudo de que póde dispôr o homem para satisfaze-la.

Essas paixões, bem como a ordem das ideias humanas, não dependem só da natureza intrinseca e primitiva dos individuos, senão tambem das circumstancias da sociedade mesma.

Do mesmo modo que os que nascem e vivem á borda do mar e dos grandes

rios mais se inclinão á navegação, ao commercio exterior, e mais depressa se civilisão que os montanhezes e sertanejos, que preferem a cultura da terra, á gleba se aferrão como as arvores que os rodeião, e permanecem estacionarios em seus primitivos costumes, assim tambem na ordem social e politica em que vivemos as differenças de suas classes e categorias, a excessiva riqueza e opulencia, a sciencia, o poder de uns, a pobreza, a miseria, a ignorancia, a fraqueza e aviltamento de outros, despertão paixões, açulão a inveja, provocão ambições, gerão odios, discordias, tyrannias e guerras; e o animo irritado, a natureza corrompida só se lembra da vingança e da morte.

A mãi que suffoca o grito das suas entranhas suffocando o filho ao nascer, porque não saiba o mundo que ella o gerou fóra das condições prescriptas, e não perca a sua honra e posição social, não seria compellida a esse monstruoso excesso se em outras circumstancias vivesse. Se o egoismo de um sexo fraco, ou o simples desejo de occultar uma falta, leva tantas mãis a suffocar a voz da consciencia e esse amor maternal tão forte, o que não farão essas paixões violentas do homem, não combatidas por instinctos benevolos? Tal assassino por amor, pelo ciume, pela inveja, pela fome, por dinheiro, pela embriaguez, pela degradação, pela loucura, não o fóra se a ordem social mesma não tivesse dado causa á sua desesperação, a seu odio e ás suas depravadas ideias.

O estado social é natural do homem; mas muitas de suas instituições, de suas leis, de suas crenças, de seus usos e costumes, nada tem de natural; e nada do que é natural se estabelece impunemente. Tambem mui natural e necessario é o respirar e o comer; mas quantos males, quantas enfermidades nos vem do máo ar, e dos máos alimentos ou do seu excesso! Os effeitos dos venenos nem sempre são immediatos, mas nem por isso deixão de apparecer; e quando se manifestão, attribuimo-los a outras causas. Assim se preparão as revoluções, que attribuimos á malvadez de alguns homens, quando essas revoluções e essa mesma malvadeza dependem dos muitos vicios da sociedade.

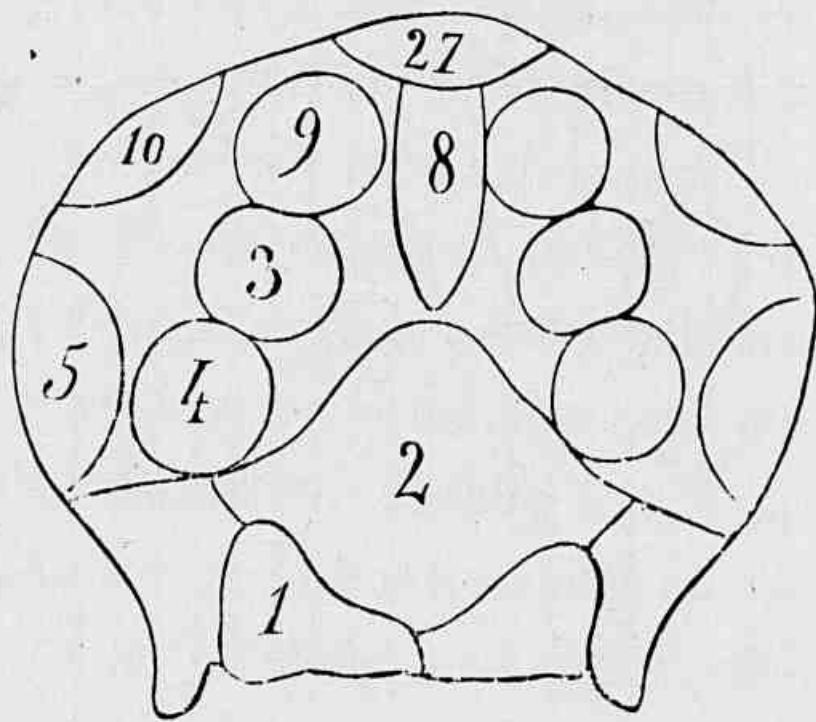
D'onde vem, senão de uma ordem social imperfeita, que o mais nobre dos sentimentos humanos, o que mais os confraterniza, o que mais sublima a moral, o sentimento religioso se converta em fanatismo, em hypocrisia, em furor, em delirio, e suscite guerras, perseguições e mortes? D'onde vem, senão de uma sociedade imperfeita, o poder discricionario dos tyrannos, a luta continua entre governos e povos, senhores e escravos, as revoluções sangrentas, a necessidade de arsenaes e de numerosos exercitos? Muda a ordem social, mudão-se as leis, mudão-se os usos e costumes, e muitos crimes desaparecem. Que throno da Europa seria hoje polluido com as torpezas de um Nero ou de um doudo Caligula? Quem julga possivel hoje um Alexandre VI e seus dous monstruosos filhos, Cesar e Lucrecia Borgia?

Esses grandes flagellos do genero humano são abortos da corrupção social, e não filhos da natureza. Napoleão I dizia : « Se eu tivesse nascido nos Estados-Unidos da America, talvez fosse um Washington. » Nascido em França, as circumstancias o fizeram um Cesar. Não, a natureza não é absurda e cruel, como Gall a suppõe, dizendo com toda a fleuma do horroroso materialismo allemão : « Prevendo o Ente Supremo que os homens viverião em continua guerra, injusto fôra se lhes negasse um meio para se livrarem dos seus inimigos. Se em paz vivessem os hoïmens durante alguns seculos, inundaria a especie humana toda a superficie da terra; por isso acendeo o furor no orgão da morte para que ella se ceifasse e destruísse. »

Mas uma cousa é prever as discordias dos homens pelo máo uso da liberdade, outra cousa é dar-lhes um orgão especial para que não podessem deixar de viver em discordia e de matar-se pela menor cousa. Se a Providencia não quizesse que a especie humana se propagasse tanto, tè-la-hia feito menos prolifica, menos fecundas as mulheres, menos concupiscentes os homens, e mais curta a sua existencia; e não fazer o contrario, para destruir a sua obra por meio de uma acção que ella mesma nos faz crer ser um crime. Esse principio é tão impio como absurdo.

Não accusemos a Providencia para desculpar os nossos erros, só pela louca vaidade de sustentar um systema todo fundado em hypotheses. Taes são entretanto os despropositos a que nos leva uma falsa doutrina materialista, filha da má interpretação da natureza.

Desejava Platão que os reis fossem philosophos; mas não são sómente os reis que devião, como Marco Aurelio, preparar-se pela philosophia para dirigir os destinos humanos; são tambem os seus ministros, os legisladores, os que se destinão a fallar em nome de Deos aos povos, e os que se dão por sabios guias da mocidade.





MOSAICO

OBSERVAÇÕES SOBRE OS SUICÍDIOS

Dos mappas confrontados de muitos annos em París e em Londres resulta que, geralmente fallando, uma quarta parte dos suicídios annuaes é causada por penas amorosas ; outro quarto é devido á miseria ; outro a doenças procedidas da intemperança, e outro quarto devido a perdas ao jogo ou a desastres repentinos de fortuna.

A maior parte dos suicídios premeditados tem lugar de noite, antes de romper o dia. Tem-se observado que, segundo a idade, o homem escolhe de preferencia certos generos de morte. Na mocidade prefere de ordinario a estrangulação por suspensão ; na idade viril, as armas de fogo ; em idade mais avançada recorre de ordinario á morte por submersão, e na velhice é frequente recorrer de novo á estrangulação por suspensão.

O emprego do veneno é mais usual entre pessoas instruidas nas sciencias.

É escusado ajuntar que os suicídios tem augmentado em proporção espantosa depois das revoluções politicas, e da introdução geral do desenfreado amor do jogo e desejo de enriquecer de repente por especulações aleatorias nos fundos publicos ou por empresas commerciaes as mais arriscadas.

A tendencia constitucional ao suicidio, tão commum em Inglaterra, começa a espalhar-se pelo continente, onde a hypocondria faz rapidos progressos. Quem comparar hoje a mocidade de França com o quadro que dos Francezes fazião os escriptores nacionaes e estrangeiros do seculo passado cuidará não ser a nação a mesma. Hoje toda a mocidade affecta seriedade e gravidade, e nada é mais raro que francas demonstrações de folgança e alegria. Todos parecem meditar, ainda os que tem o cerebro vazio de ideias.



POESIAS

ROMANCE DA VIUVINHIA

Como a rola que vagueia
Numa doce languidez,
Pousando de ramo em ramo
Em saudosa viuvez,
Assim o meu coração,
Sem abrigo onde pousar,
Suspira como a rolinha,
E chora em vez de cantar!

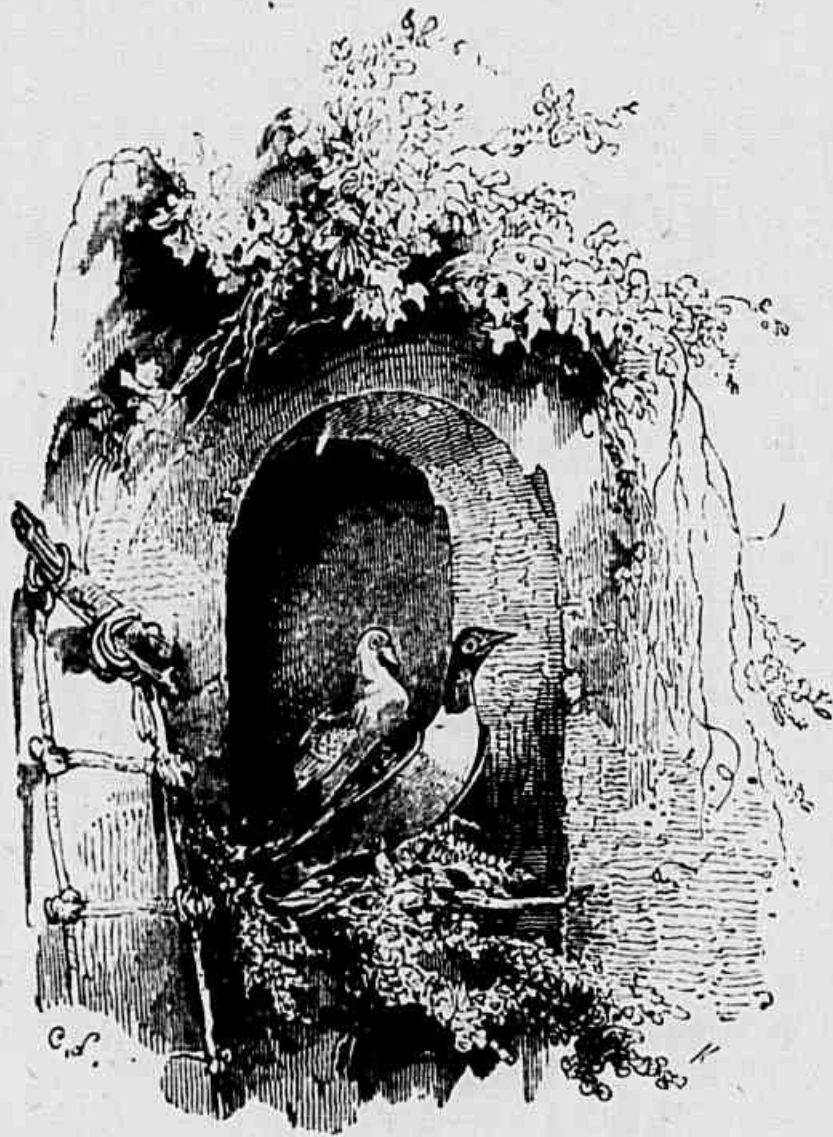
Um só asylo me resta
Onde esconda as minhas dôres;
É sepultar-me inda viva
Sob esta campa de flores!
Ai! meu pobre coração,
Tu não vives sem amar;
Por isso, como a rolinha,
Choras em vez de cantar!

Adcos, bella Paulicéa!
Terra de luz e d'amores,

Doce clima abençoado,
Conforto d'acerbas dôres!
Além o mundo me chama
Com seu prisma enganador!
Mas contigo fica esta alma,
E com a minh'alma o amor!

Adeos, risonhas collinas,
O horizonte azul, o rio,
Concertos, cantos divinos
Das bellas noites d'estio!
Além o mundo me chama!
Vou deixar-te... que amargor!
Mas contigo fica esta alma,
E com a minh'alma o amor!

A. E. ZALUAR.



S E G R E D O

Não sabes quem de tarde, junto á fonte,
Repete o nome teu com voz saudosa?
Quem da briza nas azas perfumadas
Te manda as folhas espalhar de rosa?

Não sabes quem no calix das boninas
Pede aos anjos derramem ambrosia?
A' lua solitaria o brilho argenteo?
Vividos raios ao fulgor do dia?

Quem na sala, se cantas ao piano,
O teu *romance* acompanhar parece
Nesses echos, que ouves bem distinctos,
Se tua voz num tréno desfallece?

Quem no sorriso de teus labios vive?
Quem de teu pranto as perolas recolhe?
Que espirito invisivel te acompanha,
E a senda florea pela agreste escolhe?

Quem de teu leito junto `á cruz velando,
Sombra impalpavel, te vigia attento,
Transmittindo a teus sonhos amorosos
O reflexo de um outro pensamento?

Oh! se o não sabes, não serão meus labios
Que hão de revelar-t'o! Invoca os céos,
A natureza inteira, a consciencia,
E ouve o que te diz a voz de Deos!

A. E. ZALUAR.



Le Salon de Louis en Elle en Paris

JORNAL DAS FAMILIAS

Abril de 1864



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeira toilette. — Vestido de tafetá côr de perola; guarnição composta de quatro fitas de velludo verde claro, collocadas em forma de esquadria, cuja ultima leva uma franja de froco. Esta guarnição repete-se em cada panno, nas frentes do corpinho, nos hombros e nos canhões das mangas. A roda da saia é guarnecida com um estreito *tuyauté* de tafetá verde, e o baixo das mangas, assim como o contorno da cintura, com uma franja de froco. Chapéo franzido de setim branco, com *bavolet* de velludo verde; rosas bravas e folhas de velludo verde no interior, e fitas de tafetá da mesma côr. Collarinho e mangas de panno de linho pespontado, com guarnição de *valenciennes*.

Segunda toilette. — Vestido de velludo preto, saia com muita roda, sem nenhum enfeite; corpinho de bicos abotoado adiante, com postilhão atrás dividido em tres pontas guarnecidas com uma rica passamanaria com borlas; hombros e canhões de passamanaria. Gravata e braceletes de velludo encarnado vivo. Pente com bolas de coral.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de casaquinha hespanhola bordada de ponto russo, para menina de cinco ou seis annos. Esta casaquinha faz-se de lã de camelo branca ou de côr, e borda-se de ponto russo com lã preta meio torcida.

Nº 1. — Babadouro de fustão branco com desenho de francelim; guarnice-

se ao redor com uma pequena tira de nansouk recortada. (*Ver os desenhos 24 e 25 da estampa de bordados.*)

Nº 2. — Frente da casaquinha hespanhola para menina.

Nº 3. — Pequeno lado da casaquinha.

Nº 4. — Metade das costas.

Nº 5. — Manga de cotovello.

Nº 6. — Canhão da manga.

Nº 7. — Cercadura de trancelim, quer para roda de vestido ou de saia, quer para capas.

Nºs 8-13. — Iniciaes para cantos de lenços.

Nºs 14-18. — Iniciaes para marcar lençoes e roupa de mesa.

TRABALHOS

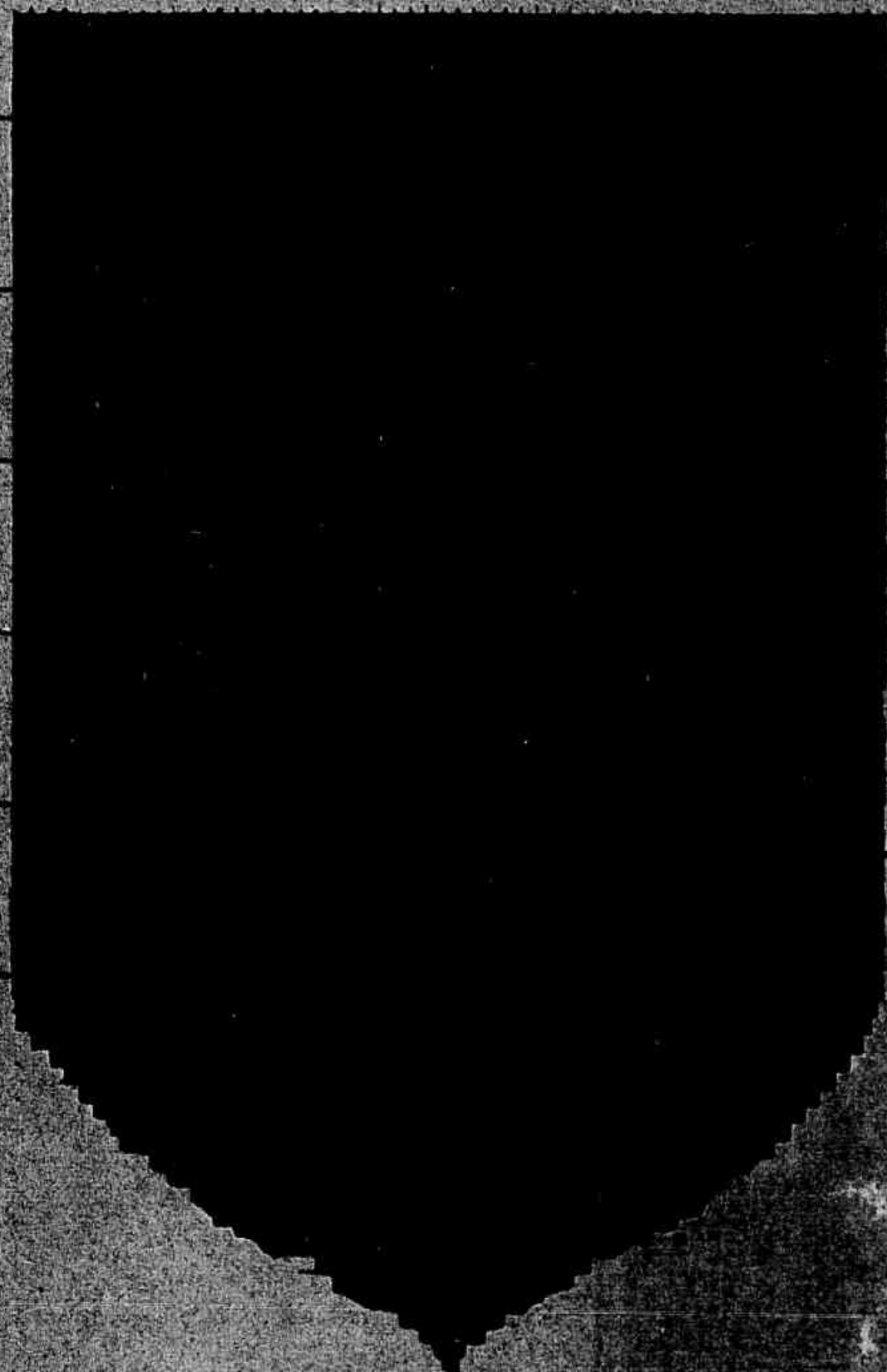
CHINELA DE TAPEÇARIA. Nº 3.

Esta chinela serve tanto para homem como para senhora, conforme a grossura da talagarsa que se empregar. Apresentamos uma talagarsa de quadrados demasiadamente grandes, a fim de dar mais facilidade ás noõsas assignantes para copiarem o desenho, e os signaes indicando as cõres explicadas tornarão mui facil a execuõ da tapeçaria. O desenho, de gosto oriental e cõres variadas, produz um effeito dos mais apraziveis. A tapeçaria faz-se de ponto em cruz ordinario, com lã de Saxonia; as cõres claras com seda frouxa ou seda de Argel.

AÇAFATE PARA TRABALHO. Nº 5.

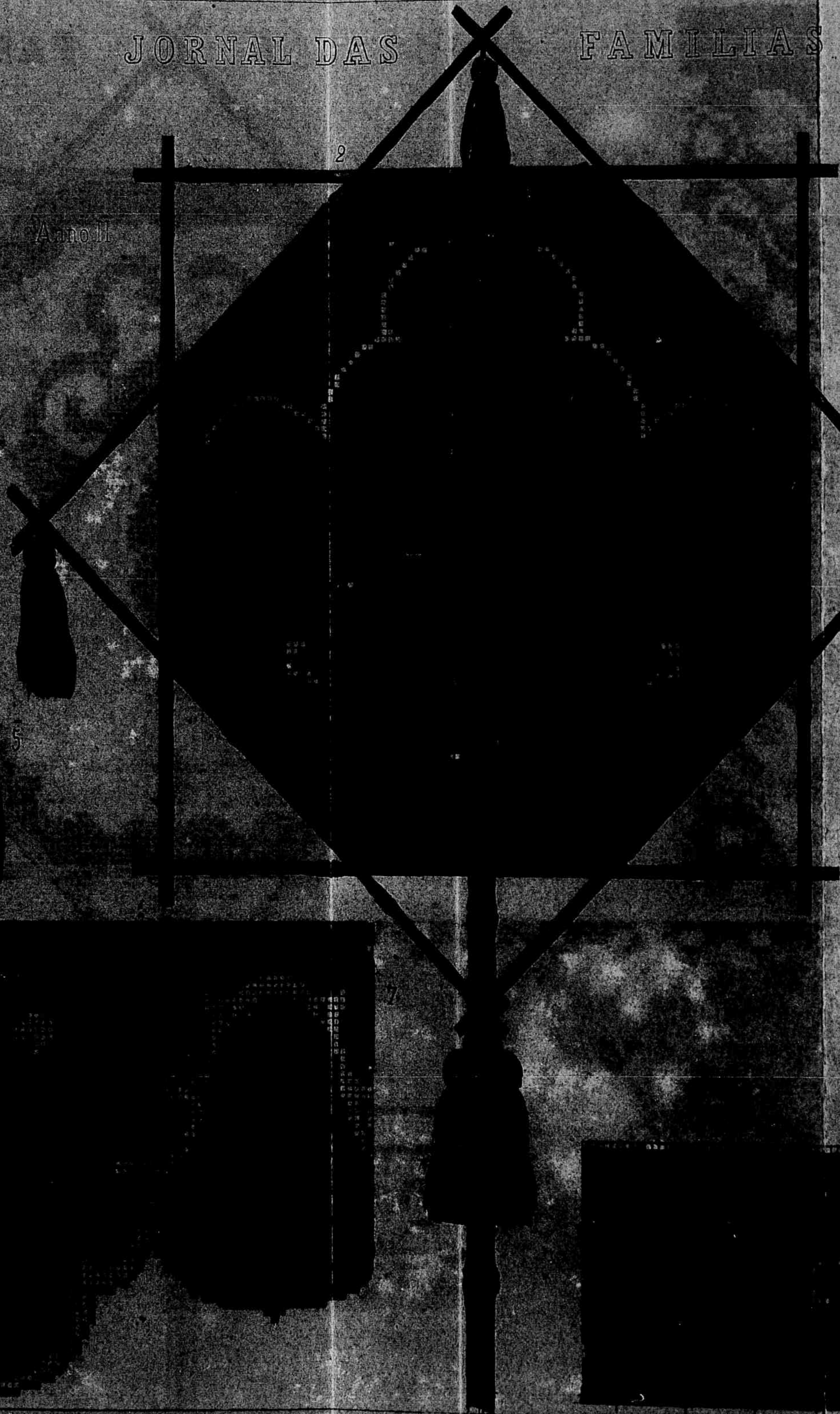
Tornou-se geral a moda de enfeitar os açafates de vime com um desenho de tapeçaria de lã; damos este modelo como amostra do que se faz neste genero. Contão-se os abertos da grade de vime da mesma maneira que se contão os quadrados da talagarsa, e trabalha-se entrando a agulha, de esguelha, de um aberto para outro. Formão-se assim gregas, rhombos e recõrtes

1



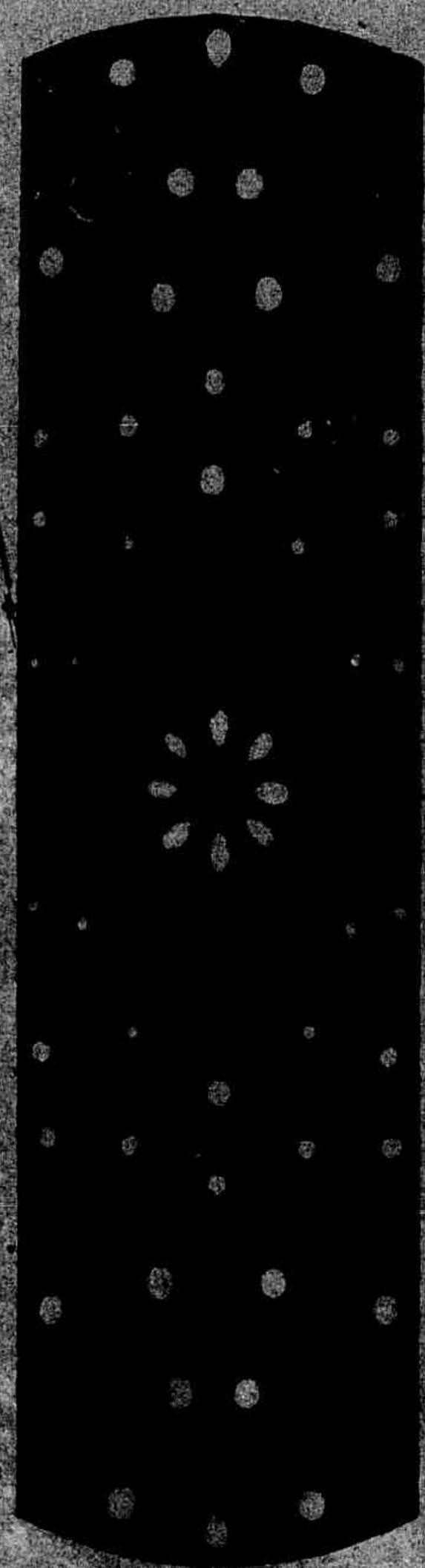
2

Ano II



Abril de 1864

3



4



6



com lãas de côres vivas; cobrem-se as azas com um ponto de crochet. Forra-se o interior com tafetá, e d'esta maneira tem-se lindos açafates para trabalho.

CINZEIRO PORTA-MECHAS. N° 16.

Inteiramente novo é o genero d'este bonito modelo. A armação é feita com madeira, cortiça de arvore e couro estampado; o interior é de cobre dourado. O meio serve de cinzeiro para quem fuma; guarnece-se ao redor com mechas chemicas. O medalhão que adorna a frente d'este pequeno objecto é bordado de ponto real com seda sobre chamalote, ou de ponto de tapeçaria sobre talagarsa de seda branca; na parte opposta acha-se um medalhão da mesma forma, coberto com papel metalliço para se acenderem as mechas. É uma bonita prenda para offerecer-se a quem gosta do charuto; e apesar de já terem passado os dias de festas, sempre ha dias de annos, casamentos, etc., que são occasiões de offerecer-se presentes, muitas vezes difficeis de escolher.

ESTAMPA DE OURO E CÔRES.

Encontrar-se-ha nesta estampa uma lindissima collecção de objectos faccis de reproduzir, e perfeitamente escolhidos para prendas de annos. As nossas assignantes nos agradecerão estes modelõs, copiados, com uma rara exactidão, em uma das melhores casas de Paris, pelo eximio artista M. Formstecher.

BOLSA PARA TABACO.

N° 1. — Faz-se de crochet cheio, malhas dobradas, de retroz de Berlim, côr de Havana para o chão, azul mexico e preto para o desenho, e cordão de ouro fino para as nervuras. Apresenta o desenho uma metade exaeta da bolsa; precisar-se ha, por conseguinte, repeti-lo duas vezes. O numero das malhas achase indicado de uma maneira muito clara no modelo.

Materiaes. — 15 grammas de retroz de Berlim côr de Havana; 8 grammas de retroz azul mexico e 7 grammas de preto; um carretel de cordão de ouro fino; um crochet de grossura apropriada ao retroz.

VENTAROLA.

N° 2. — A tapeçaria d'esta ventarola faz-se sobre talagarsa brasileira muito fina, com seda meio torcida e cordão de ouro. Riquissimo é o effeito que produz este trabalho. O n° 18 da estampa de bordados (*recto*) do nosso

numero de janeiro d'este anno dá o modelo em tamanho natural. Precisar-se-ha tirar contra-prova do desenho, e reproduzi-lo na talagarsa, em branco, segundo a maneira muitas vezes iñdicada neste Jornal. Assim tornar-se-ha facil a execução da tapeçaria, que cumpre copiar depois conforme o modelo colorido, que dá o numero dos pontos. Deve-se forrar a talagarsa bordada com chamalote encarnado vivo, e entesar-se na armação. Esta armação, de um gosto novo e simples, compõe-se de varas de páo dourado formando um dobrado quadrado com angulos contrariados; podem as varas ser tambem de carvalho ligeiramente esculpido, e, neste caso, hão de ser mais grossas do que as do nosso modelo. Gosta-se muito agora d'este genero rustico. Conclue-se a ventarola com grossas borlas de seda, feitas com côres irmanadas ás da tapeçaria, e postas nos angulos do quadrado superior.

Materiaes. — Para o par: 25 centímetros de talagarsa brasileira cõr de couro; sedas diversas e cordão de ouro; borlas irmanadas.

ESTOJO PARA OCULOS.

Nº 3. — O debuxo d'este trabalho é de tamanho natural. O chão é de marroquim encarnado, e o centro de casimira preta fina; os dous chãos são reunidos por meio de um trancelim de ouro; as applicações são feitas com velludos verde, azul e branco; prendem-se quer por meio de um ponto de cadeia de fio de ouro, quer por meio de um trancelim de ouro cosido ao redor.

Materiaes. — Chão de marroquim encarnado e casimira preta, com applicação de velludos preparados; trancelim de ouro. Armação com pequeno fecho damasquino.

SUSPENSÃO DE CONTAS.

Nº 4. — Este novo modelo de suspensão produz um effeito muito aprazivel, sendo visto ás luzes; compõe-se de contas brancas forradas com metal dourado e prateado, e de contas cõr azul de França. As nossas leitoras conhecem este genero de trabalho de mosaico com contas, por termos-lhes explicado muitas vezes. Principia-se a suspensão pelo meio, e forma-se em primeiro lugar o fundo, especie de sacco acabado em ponta. Rodeia-se este fundo com uma dobráda guarnição recortada; cada ponta d'esta guarnição acaba por uma borla; prende-se uma borla mais grossa na ponta do fundo. O alto da suspensão guarnece-se com um grosso torçal de contas; suspende-se por meio de quatro compridas correntes de contas, reunidas na parte superior por uma argola.

Materiaes. — 3 redondos de zinco; 1 de 20 cent. de diametro, 1 de 16 cent.; e 1 de 5 cent. para a borla do fundo; 3 maços de contas de Bohemia embutidas de prata, 1 maço de ditas embutidas de ouro, 2 maços cõr azul de

França, e 1 maço branco de opala; um carretel de linha grossa (que deve ser encerada d'antemão) para enfiar as contas.

REDONDO E TIRA DE UM BARRETE GREGO.

N^{os} 5 e 6. — Os nossos modelos, que indicão com muita clareza todas as malhas, tornão facil a execução d'este barrete. Principia-se o redondo pelo centro, e continua-se a trabalhar ao redor, augmentando-se de maneira que o trabalho se conserve bem chato. A tira faz-se no sentido do comprimento, e melhor será continua-la pegada ao redondo. Para este trabalho toma-se seda de Argel còr de couro, azul, encarnado vivo, dous matizes de verde, e cordão de ouro fino. O barrete forra-se primeiro com seda, e depois com uma tira de pellica branca preparada, que se cose ao redor da beira. Conclue-se com uma borla grossa, que se prende no centro do redondo, e que é feita com sedas irmanadas e fio d'ouro.

LAMBREQUIM DE TAPEÇARIA.

N^o 7. — O chão d'este lambrequim faz-se com lã de Saxonia encarnado vivo, com uma pequena guarnição branca rodeada de um ponto de seda còr de ouro. O ramo de flores de morangueiro faz-se de seda. Os chãos azues fazem-se com lã, os outros com seda.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

N^o 1. — Cercadura de ponto russo, para ser bordada com lã preta numa saia de lã de camelo, branca, encarnada ou roxa. Para vestuarios de crianças, bordar-sê-ha acima da bainha.

N^o 2. — *J. E.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

N^o 3. — Chinela de tapeçaria. (*Ver os trabalhos.*)

N^o 4. — Punho direito para manga. Recórte e bordado russo.

N^o 5. — Açafate para trabalho. (*Ver os trabalhos.*)

N^{os} 6 e 7. — *Eulalia* e *Palmyra*. Nomes para cantos de lenços. Ponto de relevo branco e grãos de còr.

N^o 9. — Touca de tres partes para crianças. Damos o meio e um dos lados. Os ilhozes podem fazer-se abertos ou fechados com grãos em realce e hastes de cordãozinho; recórte simples com dentes agudos.

N^o 10. — *C. A. S.* Pequenas iniciaes. Cordãozinho.

N^o 11. — *A. K.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 12. — Collarinho irmanado com o punho n^o 4.

Nº 13. — Quarta parte de lenço. Recórte *point de rose* e ponto de relevo com ilhozes abertos.

Nº 14. — *Adolphina*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho.

Nº 15. — *Z. V.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

Nº 16. — Cinzeiro porta-mechas. (*Ver os trabalhos.*)

Nºs 17 e 18. — *A. V.* e *G. V.* Iniciaes. Ponto de relevo e *point de poste*.

Nº 19. — *Joanna*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo, cordãozinho e *point de poste*.

Nº 20. — Desenho para canto de lenço. Ponto de relevo com ilhozes.

Nº 21. — Guarnição recortada, com bordado em realce para fronhas.

Nºs 22 e 23. — Collarinho e punho de panno de linho pespontado, com pequena grinalda de ponto de relevo.

Nºs 24 e 25. — Cercaduras recortadas para enxoval de criança de peito.

Nº 26. — *L. Z.* Iniciaes. Ponto de relevo e grãos.

Nº 27. — Ponta de gravata de cassa branca. Dobrado recórte, guarnição de *point de poste* e ramalhete de ponto de relevo. Este desenho póde também fazer-se sobre tafetá branco com contas e bordado real.

Nº 28. — *F. C. N.* Iniciaes. Ponto de relevo com flores-de-liz.

Nº 29. — *J. C. H.* Iniciaes tendo por cima uma corôa de barão. Ponto de relevo e cordãozinho.

Nº 30. — *J. D.* Iniciaes ornadas. Ponto de relevo.

Nº 31. — *M. R.* Iniciaes. Ponto de relevo e *point de poste*.

Nº 32. — Desenho para canto de lenço, com as iniciaes *T. S.* Ponto de relevo e ilhozes.

